

## **DEPOIMENTO Ricardo Pais**

O Ensemble tem sido, ao longo de 21 anos, uma das estruturas de produção mais organizadas, dignas e eficazes do Teatro português. A sua “não elegibilidade” para o apoio quadrienal do Estado à actividade teatral só pode ser entendida como displicência, dislate e total falta de respeito por modelos sólidos de criação de espectáculos ou como obediência a alguma agenda fútil, secreta e indecifrável.

Emília Silvestre é seguramente uma das melhores atrizes e mestras do Teatro contemporâneo. O conjunto de: encenadores (Jorge Pinto, Toni Servillo, Rogério de Carvalho, Carlos Pimenta, eu próprio, entre outros); cenógrafos, figurinistas, designers de som e de luz (João Mendes Ribeiro, Pedro Tudela, Bernardo Monteiro, José Álvaro Correia, Francisco Leal, Joel Azevedo, etc); e actores (muitos deles jovens que maturaram ao longo da caminhada do Ensemble) ajudou a dar corpo a desígnios de qualidade artística e de Produção que são em si mesmo uma “marca”. A variedade e pluralidade de espaços e de tipologias de espectáculos, o sentido de programação - sempre pautado por um enorme respeito por textos e tradutores, clássicos e contemporâneos, ajudou a inscrever o Ensemble, desde os primeiros dias do novo Teatro Nacional São João, como parceiro íntegro, adulto e orgânico dessa e de outras estruturas Nacionais.

O respeito pelos colaboradores e pela sua dignidade profissional transpareceu sempre na qualidade dos espectáculos e na conquista sólida de um público que, deve dizer-se, foi combustível de muitas salas cheias, independentemente do investimento que as próprias salas nele fizessem.

Não se podem mudar paradigmas despoticamente, nem isso pode fazer-se em manipulação de concursos públicos democráticos. Apesar das correcções a que a legalidade irá por certo obrigar, há que dizer que esta exclusão, aparentemente infantilóide ou produto obsoleto de engenharia financeira, é liminarmente um escândalo.

## DEPOIMENTO Ana Luísa Amaral

Conheci o ENSEMBLE há quase vinte anos, através de Paulo Eduardo Carvalho, uma figura notável na divulgação e no estudo do teatro em Portugal. Tive, desde então, o privilégio de ver serem levadas a cena por esta companhia peças de diferentes géneros e de amplo espectro temporal, sempre pautadas pela mais alta qualidade. Foi assim que vi representados trabalhos de Molière a Beckett, de Shakespeare a Tchêckov, de Cocteau a Brian Friel, ou que assisti a magníficas adaptações de autoras como Virginia Woolf.

O reconhecimento da competência e originalidade do trabalho levado a cabo pelo ENSEMBLE tem vindo a ser dado pela crítica, pelas parcerias desenvolvidas entre esta companhia e outras estruturas da cidade do Porto e fora dela, mas também pelo público, que acontece às salas onde os espectáculos têm lugar. E o público, sem o qual o teatro não faz sentido, sabe – e sente.

À arte do teatro assiste a grandeza da resistência e daquilo que, por sua vez, é alimento para os sons do mundo: a fúria, no mais puro sentido de entusiasmo, o mesmo que é de dizer de inspiração. Porque vive, como nós, de sons e de silêncios, o teatro é um espelho de conversão de emoção e pensamento em emoções e pensamentos, operado pela voz e pelo olhar, e em bens que são bens de dentro e que fornecem material precioso para o pensamento crítico e para a solidariedade. O mundo do teatro é um mundo ao qual, desde o mais pequeníssimo gesto de infância, se torna valioso aceder e sem o qual, ao crescermos, *somos* menos e *estamos* menores. Na verdade, um bem essencial.

O ENSEMBLE sempre soube disto, e o serviço que há mais de vinte anos tem vindo a prestar não só à cidade do Porto e suas comunidades, mas ainda ao país, tem vindo a constituir-se como notável exemplo. Essa capacidade que o ENSEMBLE sempre teve de juntar diferentes expressões teatrais – e de o fazer com a mais elevada maestria – é algo a que as instâncias governamentais, e também a municipalidade, não devem, não podem ficar indiferentes. E têm, a meu ver, o dever de apoiar. Sob pena de perdermos as nossas raízes e o que de nós faz gente melhor – ou seja, mais gente.

Ana Luísa Amaral  
poeta, professora universitária

## DEPOIMENTO Pedro Sobrado

A História das últimas décadas no domínio das artes cénicas em Portugal não poderá ser feita se nos alhearmos do trajecto de uma das mais afirmativas companhias de teatro da cidade do Porto: o Ensemble — Sociedade de Actores. Acompanhei de perto o trabalho artístico desta companhia desde 1997, ano em que vi *De Pirandello a Eduardo*, espectáculo encenado por Toni Servillo que associava, ousadamente, *O Homem da Flor na Boca*, de Luigi Pirandello, e *Sik-Sik, O Mágico*, de Eduardo de Filippo. Desde então, tive oportunidade de aprender e, mais importante ainda, surpreender-me com criações cénicas que perfazem, à distância de mais de 20 anos, um percurso notavelmente consequente, marcado por uma consistência rara, por reconhecidos padrões de profissionalismo e exigência, e pela capacidade de ensaiar inflexões disruptivas ao seu próprio trabalho. O Ensemble — Sociedade de Actores revelou-se a vários títulos decisivo na emergência de um novo panorama teatral na cidade do Porto na segunda metade da década de 90 e na afirmação de um novo paradigma nos modos de produção e comunicação teatral. Não foram apenas os autores e dramaturgias que, por via do labor da companhia, foram dados a conhecer; foram também os encenadores e actores convocados para o seu próprio crescimento artístico e para o desenvolvimento de novas linguagens cénicas; foram ainda os dramaturgos e tradutores portugueses desafiados para a árdua escrita-para-ser-dita do teatro; foram ainda os espectadores formados no gosto e no espanto. Afirmando com admirável persistência um caminho próprio, o Ensemble — Sociedade de Actores tornou-se também um co-produtor por excelência de teatros públicos, sabendo adequar-se às metodologias próprias destes equipamentos e à escala dos seus espectáculos. Dizer que o Ensemble é parte fundamental de uma História é dizer pouco, porque, na verdade, ele é ainda parte fundamental do nosso Presente.

Porto, 27 de Maio de 2018.



Pedro Sobrado  
Professor e dramaturgista

## **DEPOIMENTO Luísa Costa Gomes**

O trabalho do Ensemble é exemplar e indispensável. Como dramaturga, colaborei com o grupo em vários projectos e considero absolutamente indiscutíveis o seu profissionalismo, criatividade e qualidade artística, quer como produtores culturais, como actores, quer no caso do Jorge Pinto, como encenador, com méritos mais do que comprovados e inúmeras colaborações e co-produções. A sua polivalência e agilidade tornam o Ensemble um dos grupos mais interessantes no panorama teatral.

Luísa Costa Gomes, escritora e dramaturga

## DEPOIMENTO Nuno Carinhas

Na década de 90 fui encontrar no Ensemble um grupo de profissionais, com experiência firmada em companhias históricas da cidade, que se juntaram para reequacionar outras formas de fazer. Abordando textos de autores contemporâneos que representavam novos desafios; explorando outros espaços que não teatros convencionais; experimentando novas cenografias que implicavam que o jogo da representação fosse diverso a cada espectáculo. Ao longo de duas décadas fomos partilhando projectos que, de cada vez, nos fizeram crescer como artistas inseridos na cidade do Porto e em partilha com todo o país e fora de portas. Foram tempos de inovação da cena teatral na cidade, por parte de profissionais que souberam aproveitar os ventos de mudança que emanavam do TNSJ que dava o exemplo de um teatro construído de risco e rigor. Os elementos do Ensemble dividiam o seu tempo integrando o elenco das produções do Teatro Nacional e encenando as suas produções próprias, ensaiando o mesmo rigor: a escolha do repertório, o cuidado na escolha dos tradutores, as encomendas de novos textos a dramaturgos nacionais, os convites aos encenadores e respectivos colaboradores nas áreas da iluminação, do som, da cenografia e figurinos, do design gráfico e da comunicação. Este movimento expansivo de possibilidades foi firmando uma identidade, uma linguagem e um gosto que o público foi reconhecendo e aplaudindo, até hoje, com expectativa. O Ensemble é parte fundamental do tecido artístico da cidade do Porto, que neste momento de grande vibração precisa mais que nunca da diversidade e do cunho autoral dos seus fazedores e protagonistas. Parar ou interromper o percurso desta Companhia, é deitar a perder anos de investimento e persistência que fizeram dos seus elementos artistas maiores.

Porto, 25 de Maio 2018

Nuno Carinhas, encenador

Há tempos queria aconselhar a uma amiga um espectáculo do Ensemble que viria brevemente a Lisboa. Tentava dizer-lhe o título da peça, nada. O nome do autor, nada, uma daquelas brancas irritantes. Até que ela: não te canses, se é do Ensemble é para ver!

Para conquistar esta confiança quase cega por parte do público conhecedor e apreciador de teatro, teve o Ensemble de fazer uma longa caminhada em que, produção após produção, foi espalhando sementes em terra firme, arada com sabedoria, inteligência, rigor, ousadia, sensibilidade.

O público, o seu fiel público, cada vez mais vasto, habituou-se ao longo de duas décadas, a crescer, a pensar, a questionar-se, através de textos escolhidos criteriosamente, desde os clássicos aos mais actuais, habituou-se à riqueza das encenações e à versatilidade dos seus actores nos géneros mais diversos.

Duas décadas em que milhares de espectadores, no país inteiro, foram presenteados e surpreendidos por espectáculos de alto nível criativo, em que centenas de actores, técnicos, figurinistas, encenadores deram largas à sua arte graças à persistência e entrega dos fundadores deste grupo, Emília Silvestre e Jorge Pinto.

A prestação de valor incalculável que o Ensemble tem dado na divulgação da arte teatral, não é mensurável em índices, acções, inflações, deflações, alavancagens, bolsas de valores e similares. Aqui os valores são outros, os do espírito, os únicos e reais valores que fazem a Humanidade evoluir.

Ou terão os governos que excluem dos seus programas de apoio estas pérolas culturais, esquecido que *outro valor mais alto se alevanta?*

Ana Zanatti

actriz e escritora

## DEPOIMENTO

Tendo começado a colaborar com o Ensemble – Sociedade de Actores em 2012 e aí dirigido até ao momento sete espectáculos, posso testemunhar do rigor e profissionalismo que esta Companhia sempre coloca em cada produção. Com efeito, o Ensemble esforça-se por garantir aos seus criativos as melhores condições – recorrendo a parcerias com instituições de prestígio (Teatro Nacional de São João, CCB, São Luiz Teatro Municipal, Rivoli Teatro Municipal) – procurando realizar as suas produções com as melhores equipas, assegurando, desta forma, os melhores índices de qualidade em termos artísticos, técnicos e de divulgação dos espectáculos. A par desta garantia, que é ponto de honra do colectivo, é realizado um grande esforço de apresentação dos espectáculos fora da região onde estão sediados (Grande Porto) tendo a generalidade das produções que dirigi sido apresentadas em Lisboa (algumas em estreia absoluta) região centro e nordeste do país.

Carlos Pimenta - Encenador

Em 2012 tive o privilégio de interagir com o Ensemble – Sociedade de Actores na intimidade dos ensaios de “O Doente Imaginário”, de Molière, incumbido que estava de escrever um texto para o programa de sala do Teatro Nacional de São João, coprodutor do espectáculo. Aí me pude dar conta da limpidez e dignidade do trabalho dos actores e profissionais envolvidos, do rigor, da experiência e do desassombro que os movia. A exemplaridade artística e profissional desse espectáculo ficou bem espelhada na adesão do público e da crítica, e, longe de ter constituído a excepção, antes fixava e confirmava o inegável padrão, face ao que já vinha de trás e ao que depois viria. A inteireza e a integridade dos espectáculos e produções do Ensemble, indissociáveis dos seus directores Emília Silvestre e Jorge Pinto, a sua independência e consistência programática, o seu papel persistente na formação de públicos, na revelação de talentos e no despertar de vocações, inclusive em períodos de aridez e hostilização dos agentes culturais da cidade do Porto, o leque de nomes cimeiros da dramaturgia ocidental a cujas obras se deu vida, faz desta estrutura uma peça quanto a mim insubstituível do teatro feito a Norte, nas várias vertentes da criação, da formação e da investigação, mas cujo impacto vai muito além das fronteiras regionais. Quero pois acreditar que os poderes públicos e políticos tidos e achados para a questão do apoio à criação artística e teatral não deixarão de reconhecer a realidade a que aludo.

RUI LAGE



Como actor, o meu primeiro e único contributo para a máquina Ensemble foi *Hamlet*, estreado em Abril de 2002, no Teatro Viriato em Viseu, uma co-produção com o TNSJ, encenado por Ricardo Pais, do qual guardarei sempre uma memória particular e simbólica.

Não me coloco, portanto, e ainda assim, nesse lugar privilegiado da partilha directa e regular, feita e desenvolvida com os construtores do Ensemble e dos seus espectáculos, das suas escolhas, dos seus modos, dos seus designios, artísticos e pessoais e que justificam o conjunto de testemunhos e elogios que o Ensemble resgata. Essa matéria prima, combustível alado para defender aqueles que amamos e que por isso também nos representam, tenho-a sobretudo como espectador e como parceiro de outras aventuras no palco.

Nada justifica a impossibilidade de o Ensemble continuar o seu extraordinário trabalho, feito de rigor, disciplina, critério e pluralidade. Como espectador, testemunhei-o dezenas de vezes. Como actor, tive o privilégio de trabalhar com a Emília Silvestre em quase uma dezena de espectáculos produzidos pelo TNSJ e aferir do seu talento e competência. Ela e o Jorge Pinto têm reunido com eficácia, mérito e inteligência, um conjunto de atributos que valorizam o teatro e o seu património, sendo já muito claro e distintivo o lugar que os distingue. Se esta pode ser considerada uma evidência perante a generalidade dos testemunhos em defesa do bom nome do Ensemble, há uma outra que me parece mais escondida e que resulta de uma resistência à uniformização do gosto e à institucionalização de novos paradigmas, alguns deles extraordinários, mas que não podem, nem devem ser dominantes.

Não consigo dizer isto de outra forma: quando me levanto do meu lugar de espectador depois de um espectáculo dos Ensemble, ainda sinto que estou a sair do teatro. Do mistério do teatro!

João Reis  
actor

Não devia ser necessário escrever sobre a importância dos Ensemble no teatro português. São uma das principais companhias do Porto e do país, com um repertório desafiante e coerente, parcerias felizes e uma inquestionável exigência artística e profissional. Têm um caminho que fala por si. Sempre admirei o seu trabalho, a sua abertura, a sua inquietude, o seu espírito de iniciativa. Muitas vezes me lembro do "Tio Vânia" de Tchêkhov, com tradução de António Pescada e encenação de Nuno Carinhas, que apresentaram em co-produção com a Assédio e o Teatro Nacional de São João — foi um espetáculo que me marcou enquanto dramaturgo. É mais do que óbvio que os Ensemble merecem ser apoiados por um Estado que se preocupe com a cultura. A questão, aliás, nem é essa. A questão é que o país tem direito a que os Ensemble continuem o seu caminho no teatro português.

Jacinto Lucas Pires

Nunca são demais os gestos solidários, nunca são demais as palavras de apoio. O Ensemble merece tudo isso. Tive a oportunidade de conviver com esta companhia especial, enquanto co-criadora no projeto Fantástico Feminino (2000), enquanto colega da atriz Emília Silvestre em diversos projetos dirigidos por Ricardo Pais, como espectadora de diversas produções da companhia. Em todos os momentos, pude aprender, apreciar e sentir a importância do teatro na vida das pessoas e na vida da cidade. Com um percurso rigoroso, o Ensemble partilhou com a cidade e com o país o seu projeto. Um trabalho exemplar e fundamental. É incompreensível que uma companhia como o Ensemble não seja financiada. É ingrata a falta de visão no investimento de artistas e de projectos que não têm feito outra coisa senão resistir e, generosamente, continuar a sua missão. Talvez seja um bom momento para que as vozes contra os discursos do mérito, repensem as suas posições, em particular, quando esse mérito não se cinge exclusivamente ao que se fez, mas ao que se faz, hoje.

Né Barros, coreógrafa

Durante os cerca de 18 anos em que desenvolvi a minha atividade profissional na cidade do Porto, enquanto produtor e gestor do Teatro Nacional de São João, tive oportunidade de trabalhar por diversas vezes com o coletivo Ensemble. E confesso que fiquei, desde a primeira hora, surpreendido com a solidez e agilidade dos seus processos de trabalho, tanto do ponto de vista do modelo organizacional como dos métodos de gestão, evidenciando desde cedo (um ano após a sua fundação!) um discurso bastante rico e informado sobre a produção e criação teatral. Isto apesar de todas as condicionantes de ordem técnica e dos constrangimentos de natureza financeira que resultam da crónica imprevisibilidade do grau de investimento do Estado na produção e criação artística independente. O facto é que, mesmo perante este angustiante cenário de incertezas, o Ensemble soube sempre contornar todas as dificuldades, desenhando e dando corpo, ao longo das suas duas décadas de existência, a planos de atividades ambiciosos e exigentes do ponto de vista cultural e artístico, cruzando as maiores referências clássicas com as dramaturgias contemporâneas, assente em projetos de produção própria ou fruto de parcerias virtuosas de criação com estruturas congêneres e organismos públicos culturais. Projetos esses que foram testemunhados pelos públicos da cidade do Porto, berço da sua fundação, e de outros centros urbanos, como Évora, Almada, Viseu, Vila Real, Viana do Castelo, Famalicão, Bragança ou Lisboa, sempre com excelentes resultados. Por tudo isto, não posso negar que foi com enorme estupefação que soube da “não elegibilidade” do Ensemble para o apoio sustentado do Estado à atividade teatral.

Salvador Santos

(produtor/gestor cultural)

Conheci o trabalho do ENSEMBLE há cerca de 18 anos, quando ainda estudava Economia na Faculdade de Economia do Porto. Já mais tarde, no decurso da minha formação teatral, pude assistir a vários trabalhos da Companhia, todos pautados por uma marca única de rigor e de qualidade.

Em 2016, a Emília Silvestre e o Jorge Pinto, diretores do ENSEMBLE, convidaram-me para integrar o elenco do espetáculo *Rei Lear*, com encenação de Rogério de Carvalho. Pude constatar de perto o que adivinhara antes como espectador: esta era, com efeito, uma equipa forte, disciplinada, dedicada e acolhedora. O espetáculo foi apresentado no Teatro Nacional de São João, no Porto, no CCB, em Lisboa, no Teatro Municipal Joaquim Benite, em Almada, no Teatro Municipal de Bragança, no Teatro Municipal de Vila Real e no Teatro Municipal Sá de Miranda, em Viana do Castelo. Tive, pois, a oportunidade de fazer parte de um grupo de trabalho exemplar: atores, técnicos, sonoplasta, iluminador, figurinista, cenógrafo, tradutor, encenador e, claro, os diretores da companhia e colegas atores. Guardo excelentes recordações dos ensaios e das apresentações e, sobretudo, acalento o desejo (e a certeza) de voltar a trabalhar com o ENSEMBLE.

Devo, aliás, destacar que esta Companhia de referência tem levado o seu trabalho a várias regiões do país e encontrado parceiros europeus para algumas produções. O seu percurso é marcado pela paixão, dedicação, luta, risco, sacrifício, investimento, tenacidade, persistência e resistência. Para além da produção de espetáculos - textos clássicos, textos contemporâneos, encomenda de textos originais a dramaturgos nacionais, como foi o caso de *A Sauna* de Mickael de Oliveira -, a Companhia tem um papel fundamental na formação de atores (ACE Famalicão), no trabalho desenvolvido com a comunidade local, com as escolas (Programa Caracol/Serviço Educativo) e na formação e fidelização de públicos.

São múltiplas e diversas as valências demonstradas pelo ENSEMBLE desde a sua criação em 1996. Ficamos todos a ganhar com a continuidade do seu trabalho: fazedores de teatro, público em geral e uma nova geração de atores que terá a possibilidade de descobrir o trabalho sério e consistente desta Companhia e de trabalhar com profissionais empenhados, com uma especial cultura e literacia teatrais.

Elmano Sancho  
Ator e encenador

## DEPOIMENTO José Luís Ferreira

É com imenso prazer e sentido de descoberta que sigo o trabalho do Ensemble – Sociedade de Actores desde a sua fundação, em 1997.

Ao longo da minha permanência no Teatro Nacional São João, tal como quando assumi a Direcção Artística do São Luiz Teatro Municipal, sempre vi o Ensemble como um parceiro empenhado, tanto no plano artístico como no envolvimento gestorial nas co-produções que empreendemos.

A persistência na exploração de um repertório onde se cruzam referências clássicas com uma atenção dedicada às dramaturgias contemporâneas, bem como a abertura ao trabalho com um conjunto plural de encenadores e criadores, permitiram até hoje o reconhecimento de um nível de excelência que, com toda a naturalidade, afirma o lugar e o papel concretos do Ensemble no universo teatral português.

Gostaria de destacar também a capacidade de angariar apoios e parcerias de produção, a possibilitar a montagem financeira dos projectos e a garantir o alargamento e diversificação dos seus circuitos de difusão. Recordo que, para além do acolhimento de 'Dueto para um', de Tom Kempinski, o SLTM co-produziu com o Ensemble as criações 'À Espera de Godot', de Samuel Beckett, com uma nova tradução de Francisco Luís Parreira, e 'A Voz Humana', de Jean Cocteau, um projecto arrojado no cruzamento de linguagens que propunha. Em todos os casos, os resultados da nossa aposta foram amplamente satisfatórios.

Lamento verdadeiramente os resultados do Concurso de Apoio Sustentado da DGArtes, que secundarizam a avaliação francamente positiva ao projecto artístico da companhia inviabilizando-o com argumentos difíceis de compreender. Espero que esta situação possa resolver-se da melhor maneira e de forma célere, para que o Ensemble possa continuar a sua missão.

José Luís Ferreira





## Sobre o Ensemble – Sociedade de Actores

Enquanto programador e, nos últimos anos, director artístico do Teatro Municipal de Vila Real reconheço no Ensemble – Sociedade de Actores uma estrutura teatral da maior importância no panorama teatral português e em particular do norte do país. As suas produções são de um rigor e de uma qualidade artística ímpares, quer no tratamento de grandes clássicos da dramaturgia universal, quer na abordagem a dramaturgias modernas ou na criação original. A qualidade artística que refiro atrás é patente não apenas nas adaptações e encenações mas também no desempenho dos seus elencos.

O trabalho que o Ensemble tem vindo a desenvolver ao longo das últimas duas décadas tem sido essencial para que os espectadores da região norte tenham acesso regular a representações de peças capitais de Shakespeare, Molière, Beckett, Tchekhov, entre outros, com um grande nível técnico e artístico. A disponibilidade do Ensemble para a itinerância e sua vontade de encontrar soluções que viabilizem a apresentação das suas peças em diferentes pontos do território têm permitido enriquecer a programação do Teatro Municipal de Vila Real e do *Vinte e Sete – Festival de Teatro*, co-organizado com o Teatro Municipal de Bragança, ajudando assim o trabalho destas estruturas municipais na descentralização cultural e na democratização do acesso das populações a grandes produções teatrais. Neste contexto, foram cerca de uma dezena as peças que o Ensemble apresentou nos distritos de Vila Real e Bragança.

Pelo dito atrás, não é excessivo afirmar que uma rede nacional de teatro profissional, ambiciosa na qualidade e na disseminação geográfica dessa qualidade, tem forçosamente de contar com o Ensemble enquanto produtor e criador de teatro para a região norte e para o país.

Vila Real, 27 de Maio de 2018



Rui Ângelo Araújo

Director Artístico do Teatro Municipal de Vila Real

O acto criativo até poderia ser misantrópico, mas quando agarra a satisfação da partilha tudo se reforma.

Sempre que trabalhei com o *Ensemble* a porção do acto criativo ficou maior. Seja pela indiscutível qualidade do trabalho da Emília Silvestre e do Jorge Pinto como pela história construída por todos os encenadores, actores, cenógrafos, escritores, músicos, técnicos e implicados que trabalharam para e com o *Ensemble*.

A cronografia fica para uma história e a história diz que o *Ensemble* não pode fazer menos ou abrandar ... esta história tem que continuar porque não tem um fim anunciado, estamos à espera do que se segue e do que está para vir. Espero veemente que o que se segue não cegue algo que foi, é e tem tudo para ser muito belo e partilhável.

Pedro Tudela, artista plástico

«Embarques» 2008

«O Avarento» 2009

«O Doente Imaginário» 2012

«Meio Corpo» 2015

«Rei Lear» 2016



## APELO

A mera existência de um colectivo de criação teatral como o Ensemble - Sociedade de Actores, em actividade intensa desde 1996, seria já suficiente para refutar a qualidade de “não elegibilidade” de que é acusada.

Depois do rebentar efervescente da vivência teatral em Portugal, nos anos que se seguiram a 1974 - fez-se teatro por todo o País de todo o género e em qualquer lugar -, assistiu-se a uma gradual degenerescência do tecido de produção teatral. As unidades de produção pulverizaram-se. A escassez de apoios para uma missão que se queria afirmar como “serviço público” emagreceu o corpo de agentes artísticos na maioria das companhias, que se foram reduzindo a “núcleos de produção”, reunindo o necessário contingente artístico em função do projecto imediato. Algumas, mais do que o desejado, pararam a sua actividade. Até hoje.

Seguiram-se anos de crise, consta que mundial. Maiores sacrifícios pareceram justificados. Presenciei e participei em várias reuniões - o Teatro Aberto, o Teatro da Cornucópia, os Artistas Unidos, por exemplo, - em que se previa o pior, ou seja, o cancelamento das companhias...

Finalmente, este ano, de novo as esperanças apresentam-se goradas, frente a condições cegas de avaliação.

Como actriz, colega de profissão e companheira de sonhos, como espectadora também, admiro a luta pela justiça de existir que o Ensemble incansavelmente tem levado a cabo. Dói-me o abandono que se adivinha.

O Teatro devia conseguir fazer prevalecer a Democracia, já que a Democracia dele se esquece.

Carmen Santos

Actriz, espectadora, cidadã

Tenho assistido aos depoimentos que diferentes personalidades teatrais têm feito relativamente ao Ensemble-Sociedade de Actores.

E com modéstia e humildade não posso deixar de associar-me a este coro de vozes (não fosse o teatro o herdeiro de um coro) num apelo e defesa pelo labor desta Companhia Profissional de Teatro do Porto.

Exceptuando os seus familiares, é muito provável que seja eu quem mais conviveu sempre com Emília Silvestre e Jorge Pinto. Encontrámo-nos, pela primeira vez, no inverno de 1975 e com eles partilhei o rejuvenescer do TEP, dando um novo fôlego à companhia, dinamizando palcos, descobrindo actores e conquistando novos públicos. Era o nosso dever nesse momento histórico e cumprimos com ele!

Assisti como espectador atento ao crescimento das suas carreiras artísticas e à maturidade dos seus processos criativos que se viu concretizado finalmente com a criação do Ensemble há 22 anos.

O cuidado pelo repertório levado à cena, a preocupação por novas dramaturgias associadas às clássicas de Molière e Shakespeare em cuidadas e novas traduções fizeram dos seus espetáculos experiências notáveis.

O trabalho com os mais destacados encenadores desta geração Ricardo Pais, Nuno Carinhas, Carlos Pimenta ou Rogério de Carvalho, são testemunho da preocupação com que abordaram sempre os seus trabalhos.

Por tudo o enunciado anteriormente o Ensemble constitui um elemento fundamental no panorama teatral da cidade do Porto. A falta de qualquer apoio a esta missão artística de criação preocupa-nos e lamentamos os resultados do Concurso de Apoio Sustentado da DGArtes, esperando que esta situação possa resolver-se da melhor maneira para a continuidade do projeto.

Roberto Merino

Encenador, Professor Universitário

## DEPOIMENTO

*O Ensemble – Sociedade de Actores é uma estrutura artística, que conhecemos muito bem, desde há muitos anos, com quem mantemos uma estreita parceria de colaboração, assente numa relação de grande confiança, de profissionalismo, de eficiência, de cumplicidade estética e artísticas. A qualidade do seu trabalho, o cuidado que colocam em todo o processo criativo, o envolvimento de novos criadores e artistas, é absolutamente exemplar, que apreciamos e de forma perfeitamente livre e desinteressada, queremos expressar e comunicar. O percurso firmado da companhia, a sua exigência e profundidade das suas composições cénicas, o pensamento e a prática estruturada e sustentada do seu trabalho teatral, a recusa de precaridade laboral, o envolvimento de públicos e novos públicos, são, no nosso entendimento, mais que justificáveis, não só ao reconhecimento do conseguido, mas também, e neste lapso da modernidade, de apoio público, a um trabalho incontornável no plano artístico português.*

Álvaro Santos - Diretor e Programador da Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão

Em 2008, em Vila Nova de Famalicão, fui convidada para criar e dirigir um Curso Profissional em Artes do Espetáculo – Interpretação, que hoje continua a existir sob a preciosa alçada da ACE Escola de Artes.

Desde a sua criação, há 10 anos, como Diretora de Curso e, agora, também como Coordenadora Pedagógica e Artística, juntei à minha volta uma equipa de profissionais, todos eles no ativo, que não tem a pretensão de formar anualmente uma turma de actores, mas que tenta formar seres humanos mais responsáveis e interventivos, que são o público de hoje e que irão ajudar a formar o público de amanhã. A nossa missão é Educar através das Artes.

Nesta missão pedi, como não podia deixar de ser, a intervenção incontornável de Emília Silvestre e Jorge Pinto, directores artísticos do Ensemble, que são membros da equipa pedagógica e artística da ACE Famalicão e responsáveis por alguns dos grandes projetos da escola. Através deles os alunos beneficiam igualmente de uma formação proporcionada pela companhia Ensemble, porque a Educação ultrapassa os muros de uma escola.

Assim sendo, mais do que falar da essência da Companhia Ensemble na sua componente criativa de alta qualidade, tenho de salientar a importância do seu papel na educação para as artes em Portugal, que muito contribui para fomentar nos alunos o gosto pelos grandes textos e pela sua língua materna, desenvolvendo o seu interesse pela Estética, pela Ética e pela Reflexão.

Espero, sinceramente, que os alunos portugueses, e não só, não percam esta preciosa fonte Humanista que o Repertório da Companhia Ensemble lhes proporciona há já 20 anos!

Helena Machado

Coordenadora Pedagógica e Artística da Academia Contemporânea do Espectáculo - Famalicão

Desde a antiguidade que é reconhecida a ligação entre o teatro e a vida, dada a dimensão dramaturgicada desta última, formada por convenções, regras, rituais da vida pública, actores e papéis. Como o sociólogo Erving Goffman reconhecia, "a vida social é uma cena". Actos, gestos, palavras, posturas são produzidos sobre uma cena e nela se ordenam, ganham forma e sentidos. Ora, este carácter público e cénico da vida social, entendido em termos de percepção mútua, de encenação ritualizada e de ordem expressiva, é-nos devolvido e exacerbado no teatro. Justamente, a função hermenêutica, social, política e cultural do teatro foi assumida pela Companhia Ensemble, com a enorme qualidade que as peças encenadas sempre alcançaram, e enuncio algumas a que, com emoção, assisti: *A Grande Vaga de Frio, Rei Lear, À Espera de Godot, O Doente Imaginário, A Voz Humana, O Avarento, O Cerejal, Madalena*.

Ao público que assiste à peça e por ela é afetado, uma interpretação e uma compreensão dessa experiência abrem horizontes de leitura que modificam sempre, de algum modo, a qualidade das suas experiências subseqüentes. Ou seja, a experiência hermenêutica do público desenvolve-se e transforma-se. Há, no teatro, uma dimensão de formação coletiva e individual, de socialização e individuação ou subjetivação, que não é dispensável.

A Companhia Ensemble tem-nos interpelado, cultivado, emocionado e cumprido uma vocação social e cultural de criação e formação. Deveria – podia e devia – ter apoio estatal.

Isabel Babo

(Professora universitária)

Referir a importância e as qualidades do Ensemble, depois de todos os depoimentos até agora recolhidos, é redundante. Depois de Ricardo Pais, Pedro Sobrado, João Reis, Luísa Costa Gomes, Ana Luísa Amaral e tantos outros – a enumeração é apenas indicativa - apenas me resta corroborar tudo o que foi dito sobre repertório, encenação, trabalho de actores e todos os outros vectores integrantes do trabalho de teatro, tais como gestão global, colaboração com instituições, deslocações e apresentações fora do Porto, lugar onde a Companhia foi fundada e onde está sediada. Gostaria de acrescentar, ainda, que o trabalho do Ensemble tem estado ao nível das principais instituições de teatro do país, quer a nível nacional, quer a nível municipal. Por outras palavras, ao nível dos dois teatros nacionais, o Teatro Nacional de S. João, do Porto, e o Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa, bem como de vários Teatros Municipais, nestas e noutras cidades. E, ainda neste capítulo, devo dizer que conheci Emília Silvestre, uma das suas fundadoras, antes da existência da companhia, e sempre a tive como uma das melhores atrizes portuguesas, num grupo restrito de artistas de invulgar competência, cultura e capacidade de trabalho. E relativamente a Jorge Pinto, faço minhas, como escrevi, todas as palavras de louvor que foram escritas por pessoas que, de diversos pontos de vista, podem propor opiniões e julgamentos acima de qualquer suspeita.

Gostaria, contudo, de acrescentar um reparo, que me parece importante, no caso absurdo da Companhia ter sido considerada como não-elegível para apoio sustentado à actividade teatral no concurso cujos resultados foram conhecidos em Março último, e reiterados em Maio. Discutir a decisão do júri, em termos de boa ou má, justa ou injusta, leviana ou ponderada, parece-me estar fora de questão, de tal maneira a decisão é, como disse, absurda. Seria um pouco como questionar a escolaridade básica do actual Presidente da República, por exemplo, ou defender que a terra é plana. O que interessa, nesta matéria, é esclarecer como é que tal decisão foi possível; como é que tais resultados puderam sair a público e ser ratificados pela tutela; saber por que razão, se não houvesse reclamações – e devemos sempre ter em linha de conta que, apesar de reclamar ser um direito, neste caso, e errar ser humano, aquilo que sai das instâncias administrativas que têm como finalidade governar um país, deve ser tido por essas instâncias, antes de ser tornado público, como válido, justo e certo – tudo seria tido, justamente, como válido, justo e certo. Assim, resta saber, em suma, o que pensam as pessoas que propiciam, produzem e ratificam estas decisões; que criam as condições para que elas aconteçam. Esta é, na minha opinião, a questão central, o nó do problema.

João Carneiro

Lisboa, 21 de junho de 2018

Falar do Ensemble - Sociedade de Actores, é falar de um tempo áureo da criação nacional e da atenção dada à aquisição de conhecimentos específicos em áreas que todos os jovens actores necessitam depois dos ensinamentos adquiridos nas escolas de ensino oficial.

Na sequência de sucessivas apostas de formação do Teatro Nacional de S. João do Porto, o Ensemble decidiu, simultaneamente, investir na formação de jovens actores da cidade, não relacionados com o referido teatro, e criar um pólo de dinamização da fala/dicção/elocução em várias acções de formação por ele programadas.

Muitos dos actores que nelas participaram sob a minha orientação, revelaram-se exemplares no "dizer" em português, devido à persistência da direcção do Ensemble na organização destas sessões de trabalho.

Para além do já referido, a minha colaboração com Ensemble estendeu-se a outras áreas de colaboração, de entre as quais destaco:

2003

*Atmosfera Fumo*, apresentado no Salão Nobre do TNSJ, uma co-produção do Ensemble - Sociedade de Actores e do TNSJ;

1998

*Arte da Conversação* - criação colectiva do Ensemble - Sociedade de Actores, a partir de um texto original de Luísa Costa Gomes, sob a direcção de Luís Madureira, apresentado no Teatro Rivoli;

1997

*O homem da flor na boca*, de Luigi Pirandello e *Sik-Sik, o mágico*, de Eduardo de Filippo - encenação de Toni Servillo, uma co-produção Ensemble/TNSJ, apresentado no Teatro Nacional de S. João

Luís Madureira, Junho de 2018

Sobre o Ensemble só tenho um lamento a exprimir. Infelizmente, sou eu a causa do que o motiva.

Lamento não ter visto todos os espectáculos do Ensemble. Lamento não ter sequer visto a maior parte deles. Não é necessário falar da minha vida para falar disto. Podia ter visto mais e não vi.

A integridade deste grupo de teatro vem de uma ideia a que continuamente dá corpo: a de que até ao palco, e no palco, suporta uma arte que é maior do que ele – e de que isso é um privilégio –, a ideia de que o teatro é algo de longínquo e rico que, no palco, por um instante revolteia como um golpe de vento e anima os corpos dos actores.

Gostava de ver todos os espectáculos que o Ensemble possa vir a fazer. De ver no palco o contentamento de cada um deles pelo retorno do teatro que, uma vez mais, com surpresa acolhem, e de que são parte. De ver uma das maiores actrizes vivas. De ver o assentimento contente do seu encenador mais residente ao que, uma vez mais, percebe terem conseguido em cena.

António M. Feijó